



de Etnomatemática

Revista Latinoamericana de
Etnomatemática

E-ISSN: 2011-5474

revista@etnomatematica.org

Red Latinoamericana de Etnomatemática
Colombia

Marques Fernandes, Alcione; Chalub Martins, Leila
AS MULHERES DO BARRO: Um registro etnomatemático das mulheres artesãs de
Arraias (Tocantins)
Revista Latinoamericana de Etnomatemática, vol. 9, núm. 2, junio-septiembre, 2016, pp.
168-179
Red Latinoamericana de Etnomatemática
San Juan de Pasto, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274046804010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Artículo recibido el 12 de octubre de 2015; Aceptado para publicación el 20 de marzo de 2016

AS MULHERES DO BARRO: Um registro etnomatemático das mulheres artesãs de Arraias (Tocantins)

LA ARCILLA DE LA MUJER: Un registro etnomatemático mujeres artesanas en Arraias(Tocantins)

Alcione Marques Fernandes¹
Leila Chalub Martins²

Resumo

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Trata-se de uma pesquisa etnográfica com duas mulheres artesãs do município de Arraias, estado do Tocantins, últimas representantes deste saber tradicional. As vidas dessas duas senhoras são enredadas numa mesma narrativa, aprenderam o ofício da cerâmica com suas mães, pouco frequentaram a escola e mesmo sem o conhecimento acadêmico matemático desenvolveram uma técnica apurada no preparo das louças revelando conceitos etnomatemáticos, remetendo-nos a um processo cognitivo em que as proporções estabelecidas entre diferentes objetos cerâmicos ganham uma nova configuração, um novo senso de medida, permitindo propor um diálogo com a universidade estabelecido pela religação de saberes.

Palavras-Chave: Etnografia; Saberes tradicionais; Conceitos Etnomatemáticos.

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación doctoral realizada en el Programa de Graduados de la Facultad de Educación de la Universidad de Brasilia. Se trata de una investigación etnográfica con dos mujeres artesanas del municipio de Arraias, el estado de Tocantins, los últimos representantes de los conocimientos tradicionales. La vida de estos dos damas se enredan en la misma narrativa, aprendieron el arte de la cerámica con sus madres, algunos a la escuela e incluso sin el conocimiento académico matemático desarrollado una técnica depurada en la preparación de los platos que revelan conceptos etnomatemáticos, refiriéndonos a un proceso cognitivo en las proporciones establecidas entre diferentes objetos de cerámica ganar un nuevo entorno, un nuevo sentido de la medida, lo que permite proponer un diálogo con la universidad establecida por la reconexión de conocimiento.

Palabras Clave: Etnografía; El conocimiento tradicional; Etnomatemáticos Conceptos.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília, professora da Universidade Federal do Tocantins, Arraias, Tocantins, Brasil. E-mail: alcione@uft.edu.br

² Doutora em Ciências Sociais - Antropologia. Professora na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: leilachalub3@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No município de Arraias, estado do Tocantins, Brasil, existe um artesanato de cerâmica de barro branco dotado de beleza estética e geométrica produzido de forma manual onde o conhecimento tradicional foi mantido por meio da oralidade, “a oralidade precede e sustenta a racionalidade. É a partir deste laço que ciência e tradição se cruzam, se reconhecem” Vergani (2002, como citado em Almeida, 2010, p. 120) e encontra-se ameaçado de extinção por diversas razões. Apenas duas mulheres no município continuam confeccionando as louças e mantendo esta tradição ainda viva, Dona Pretinha e Dona Dona são duas senhoras com mais de sessenta anos, cheias de sabedoria e experiência que em suas vidas marcadas por sofrimentos e batalhas diárias tornaram-se as últimas artesãs de uma arte que desaparece a cada dia. Seu ofício transformado em potes, botijas, fruteiras, gamelas, foi construído num processo de aprendizado baseado na observação do fazer de suas matriarcas que há muitos anos atrás vendiam o produto de sua labuta em pequenas feiras da região, em armazéns na cidade ou no antigo aeroporto onde os aviões paravam para abastecer.

A história do artesanato de barro branco dessas duas senhoras mistura-se a história da cidade de Arraias, onde as transformações dos últimos anos e décadas alteraram as edificações antigas, modificaram a paisagem, mesclando o novo e o antigo, numa simbiose prosaica em que a comunidade muitas vezes parece negar suas origens escondida no tempo da mineração do ouro mantida com mão de obra escrava.

A cerâmica de barro branco, totalmente artesanal, pintada com argila colorida, confeccionada com o barro subtraído às escondidas de algumas fazendas da região, vendida à beira da estrada “de rodagem”, é fruto de um trabalho singular, marcado pela preservação de saberes tradicionais: “a cultura envolve não só uma concepção do mundo que se traduz em conhecimentos e configurações de acção, mas o travejamento de um pensar e de um sentir articulado num sistema dinâmico de significações simbólicas” (Vergani, 1995, p. 24). Dona Pretinha e Dona Dona resistem, cada uma em sua labuta, com suas defesas, porém completamente hostis entre si. Não se falam, mas comentam o trabalho uma da outra, desmerecendo-o, consideram-se rivais, absortas num universo de mitos e simbologia, onde

pequenos gestos são suficientes para definir suas atitudes, conforme apontado por Lévi-Strauss:

Por sua parte, o pensamento mítico não é somente o prisioneiro de acontecimentos e de experiências, que ordena e reordena, incansavelmente, para lhes descobrir um sentido; é também libertador, pelo protesto feito contra a falta de sentido, com que a ciência estava, a princípio, resignada a transigir (Lévi-Strauss, 1976, p. 43)

Mergulhar nesse universo é enriquecedor, do ponto de vista etnográfico como também etnomatemático. Considerando seus fazeres e saberes como testemunhas vivas da tradição oral da cerâmica de barro branco intrincada em suas vidas, ou seja:

O olhar etnográfico é um exercício diário para o pesquisador que adota a atitude descritiva, não só em termos teórico-metodológicos, mas éticos e políticos de aprender sobre os sentidos e significados da ontologia humana e da sua dinâmica cultural (Sá, 2012, p. 76).

Nossa aproximação com as mulheres artesãs do barro se deu num processo lento e constante característico da pesquisa etnográfica, ou seja: “para a etnopesquisa, o método é o prolongamento das escolhas do pesquisador, ao tratar com as ‘intimidades’ do fenômeno pesquisado, vinculando-as às suas” (Macedo, 2012, p. 28). O método de pesquisa utilizado foi o convívio periódico, durante aproximadamente um ano, com a realidade cotidiana dessas senhoras, na tentativa de registrar o processo de criação artesanal, mas também na busca de vivenciar os problemas básicos ligados à manutenção dessa tradição, como a venda das peças e a dificuldades em coletar a matéria prima: o barro. Em nossas visitas utilizamos a gravação das conversas em algumas vezes acompanhada por filmagem do processo de criação das peças, em outros momentos não houve nenhum tipo de registro, apenas as impressões captadas foram descritas num diário de campo: “[...] o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (Oliveira, 2000, p. 31).

2. O DESENVOLVER DA PESQUISA: CONTEXTUALIZANDO SUAS NARRATIVAS

Dona Dona, batizada Andreлина tem 68 anos, casou-se muito cedo aos 16 anos e teve quatorze filhos, criados com o seu trabalho na cerâmica, em suas palavras: “Tudo

trabalhando nesse serviço aqui, oh! Tudo vivo. Tudo sadio e tudo gordo” (A.F.Flores, comunicação pessoal, Ago. 26, 2014). Seu esposo, Sr. Pedro é seu principal ajudante no trato do barro, ele vai até o barreiro buscar a matéria prima, depois o prepara socando com a mão do pilão e por fim sessa³ na peneira e o deixa pronto para o uso.

Como definido por Bosi (1994, como citado em Martins, 2002) a memória não é sonho, ela é reconstruída pelo presente, marcada pelas experiências vividas e transformadas ao longo do tempo, ou seja, “assim, reafirma a estreita relação entre a vida de hoje e o processo de reconstrução do passado” (Martins, 2002, p. 5). Quando Dona Andreolina revive seus tempos de menina lembra de muito sofrimento: “Aí eu fiquei por aqui mesmo, minha mãe me criava, minha mãe num tinha marido. Oh vida assim sofrida! Criada na casa dos outros, era na casa, na rua, era em Campos Belos, era aqui em Arraias” (A.F.Flores, comunicação pessoal, Ago. 26, 2014).

Em seus relatos relembra que sua história com o barro começou há muito tempo, desde a idade de oito anos:

Idade de 8 ano, eu era menina, minha mãe fazia, eu rumava pra ela as coisa, o barro, deixava ela prontinha, aí.....ela ia pra rua vendê os pote, levava na cabeça, chegava lá na rua vendia tudo. Aqueles povo de armazém, ota hora era gente mesmo na rua, comprava pra levá pra fazenda, ota hora era pra lá mesmo, pra ir pra rua mesmo. Aí eu fazia as “zuinha”, pequenininha levava, vendia tudo também. Vendia, comprava roupa, comprava calçado pra mim. Aí eu ficava doida pra fazê mais e dessa história segui a vida, né? (A.F.Flores, comunicação pessoal, Ago. 26, 2014).

Ao longo dos anos, segundo suas palavras, as vendas do artesanato diminuíram bastante e nos dias atuais são concentradas em alguns períodos do ano, principalmente nos festejos de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade, no início do mês de setembro. Nesta época, Dona Dona prepara uma grande quantidade de louças, por volta de 200 a 300 peças para serem comercializadas numa barraca no meio da cidade, junto com outros “barraqueiros” advindos de outras cidades para negociar seus produtos durante os festejos (Ver Figura 1).

³ Sessar: peneirar, separar as diferentes partes de uma mistura usando uma peneira.



Figura 1. Louças de Dona Andreлина preparadas para os festejos de Nossa Senhora dos Remédios. Fotografia de Alcione Marques Fernandes.

Dona Dona foi alfabetizada, mas afirma ter aprendido pouco na escola, em suas palavras: “É, quando eu fui já tava grandona, aí começava a estudar largava e ia trabaiá, aí fiquei nessa rotina” (A.F.Flores, comunicação pessoal, Ago.26, 2014). Durante a pesquisa lhe questionei sobre a inspiração para fazer os desenhos nas peças ao que ela respondeu: “É da cabeça mesmo. E a minha mãe pintava assim, né? Aí eu aprendi ‘quela’, estas coisas tudo aprendi com minha mãe e minha vó e minha tia” (A.F.Flores, comunicação pessoal, Ago.26, 2014).

Dona Pretinha, cujo nome é Lucrécia tem 62 anos, também se casou muito nova aos 17 anos e separou-se pouco tempo depois que “seu marido ficou virado na cantoria e saiu pro mundo” (L.B. Filho, comunicação pessoal, Jan. 29, 2015). Teve 19 filhos, criou 12 e atualmente tem 10, dois faleceram depois de adultos. Todos os partos foram feitos por ela, sozinha, nada de hospital, nem de parteira, ela paria, cortava o umbigo dos filhos e os amamentava em seguida, segundo suas lembranças cheias de detalhes. Casada com o Sr. José Messias há muitos anos, recorda-se que no tempo que se uniram ele tinha apenas 16 anos, segundo suas palavras: “peguei ele pra acabá de criar” (L.B.Filho, comunicação pessoal, Fev. 25, 2015), tiveram 8 filhos, sendo o último parto de gêmeos, hoje com 18 anos. Ele tornou-se seu parceiro no trabalho com a cerâmica, arranca o barro soca, sessa e o deixa preparado para seu artesanato.

A venda das louças é sua principal atividade econômica, as peças ficam expostas numa velha prateleira de madeira em frente à sua propriedade à beira da rodovia estadual TO 050 (Ver Figura 2).



Figura 2. Prateleira de louças de Dona Pretinha. Fotografia de Alcione Marques Fernandes.

Mesmo em meio a todas as dificuldades advindas da idade e da saúde fragilizada, Dona Pretinha sempre possui louças à venda em sua prateleira, além do mais sua netinha a ajuda no ofício e ao que tudo indica está se tornando sua aprendiz na arte de trabalhar o barro. Para ela é motivo de orgulho ver sua neta aprendendo a criar pequenas botijas, apenas por observação de sua prática, que são comercializadas juntamente com suas peças.

Dona Pretinha afirma em nossas conversas que se tornou famosa por causa das louças, muitas pessoas, principalmente jornalistas, procuram-na para entrevistá-la, tiram fotos, gravam vídeos de seu trabalho, mas tudo isso não representou nenhuma melhoria em sua qualidade de vida, continua sofrendo pela falta de energia elétrica e de água em sua propriedade, por isso colocou o sítio à venda, frequentemente em nossas conversas afirma que venderá a terra e mudará para outro local, deixará o trabalho com as louças.

Dona Pretinha praticamente não frequentou a escola, me diz que foi à escola quando já era mocinha e nada aprendeu, apenas escreve seu primeiro nome. Da matemática nada

conhece, mas sabe atribuir o preço das peças, fazer as vendas, contar o dinheiro, o suficiente para não ser enganada pelos clientes.

As vidas de Dona Pretinha e de Dona Dona são enredadas numa mesma narrativa, aprenderam o ofício da cerâmica com suas mães por meio da observação e da prática, casaram-se novas, pouco frequentaram a escola, tiveram muitos filhos, mesmo sem o conhecimento acadêmico matemático desenvolveram uma técnica apurada tanto no preparo das louças utilizando-se de várias formas geométricas, de analogias e de sistematizações como também nas pinturas com a argila colorida, onde o resultado é um conjunto de simetria estética, ou seja:

O método aqui não está ausente nem pode ser entendido como incipiente, precário, sem rigor. Trata-se, entretanto, de um método no plural e que caracteriza pela diversidade, destreza e criatividade de se ajustar às contingências dos materiais, fenômenos e função a que se destinam os produtos esperados (Almeida, 2010, p. 118).

Estes saberes compreendem uma matriz epistemológica diferenciada dos métodos que compõem a ciência tradicional, no caso dessa cerâmica o conhecimento matemático, inerente à sistemática de criação das peças, por meio de sua organização geométrica e espacial está misturado a outros conhecimentos que envolvem a química e a física, isso torna-se evidente no manuseio do forno para a queima das peças, em que as peças são recobertas com cacos de cerâmica e após doze horas de queimação, aproximadamente, o fogo é retirado apenas depois que se observa que os cacos estão na coloração branca, sinal de que as peças estão prontas para serem retiradas do forno.

Neste texto, o objetivo principal centra-se na apresentação da sistematização geométrica desenvolvida pelas artesãs no trato com o barro demonstrando uma organização do pensamento matemático, baseada apenas na sua capacidade cognitiva.

3. CONCEITOS ETNOMATEMÁTICOS:

As formas dos potes, botijas e fruteiras nascem a partir de uma chapa de barro, redonda, que após ser amassada, primeiramente com a mão do pilão e depois com a mão da artesã, é colocada em volta da forma que lhe servirá de molde. Estes moldes foram produzidos ao longo dos anos pelas artesãs e acompanham seu processo de criação artesanal, são compostos por botijas, potes e panelas que por algum defeito na fabricação foram rejeitados

para a comercialização. A nova peça vai surgindo vagarosamente à medida que as mãos ágeis destas senhoras modelam o barro úmido, em torno do molde, “forma significa, sempre: estrutura, organização, ordenação” (Ostrower, 1988, p. 177). Este processo é denominado por elas de enformar o barro.

Após o barro ter sido enformado no molde, passa-se ao processo de alisamento da peça com o auxílio do sabugo de milho, estes são escolhidos pelas artesãs por determinadas qualidades identificadas no trato com o barro e uma pequena faca é utilizada para fazer pequenos furos. Elas utilizam um balde com água do lado do torno artesanal, onde constantemente o sabugo é mergulhado, dessa forma a peça vai sendo alisada e quando o sabugo encontra algum caroço de barro duro, é retirado com a faca e em seu lugar um pedacinho de barro repostado.

O modelo que as louceiras utilizam para a produção das peças é derivado de uma lógica interna, à medida que vão trabalhando a peça com as mãos elas estabelecem as medidas da espessura das paredes da louça a ser fabricada, as imperfeições são identificadas quando a louça vai novamente para a tábua e passa por um processo de reconstrução, onde tiras de barro são coladas ao seu corpo, proporcionando o formato desejado, esta etapa é denominada como entrelaçamento espiral: “o entrelaçamento em espiral reflete-se na técnica mais recente da olaria mais antiga, onde o barro é primeiro moldado em forma de varas redondas que depois são enroladas umas nas outras em espiral” (Gerdes, 2012, p. 85).

O conviver com o processo de produção das mulheres artesãs do barro remeteu-nos a um processo cognitivo em que as proporções estabelecidas entre diferentes objetos cerâmicos ganham uma nova configuração, um novo senso de medida, identificado na metodologia que Dona Andreлина utiliza para modelar as tampas das botijas: “É a mesma coisa, a gente informa, vai medindo, assuntando para ver se dá, se não der tem que caçar outra, é desse jeito. É muito complicado a lida da gente!” (A.F.Flores, comunicação oral, Ago 26, 2014).

Por meio deste processo de medida, definido (por elas) como assuntar, que pode ser entendido como refletir, pensar é possível estabelecer a reflexão matemática embutida nesta sistematização, considerando que a escolha da tampa para uma determinada botija é uma comparação entre suas dimensões, a modelagem das louças através do entrelaçamento em espiral e o alisamento com o sabugo de milho são etapas de desenvolvimento de uma

sensibilidade geométrica capaz de constituir o formato desejado da louça e a possível identificação e correção das suas imperfeições.

Como pontuado por (Gerdes, 2010, p. 160): “cada povo, cada cultura e cada subcultura, incluindo cada grupo social – por exemplo, cesteiras (os) e oleiras (os) nos exemplos dados - e cada indivíduo, constrói e desenvolve a sua matemática, de certa maneira particular”, portanto podemos afirmar que a matemática das louceiras de Arraias possui uma sistematização própria que orienta a construção de formas arredondadas, circulares e espiraladas das louças apenas por meio da cognição matemática particular desenvolvida por elas ao longo do tempo.

Complementando esta análise pelo pensamento de (Gerdes, 2010, p. 162) temos que:

Pessoas podem estar a fazer Matemática, podem estar engajados em pensamento que envolve processos de reflexão matemática sem, no entanto, denominar a sua atividade como ‘matemática’; até podem dizer que não sabem Matemática, ou que não são capazes de fazer Matemática.

As louceiras de Arraias não frequentaram a escola, afirmam nada saber a respeito da matemática acadêmica, porém a sistematização de seu trabalho com o barro demonstra a apreensão de conceitos matemáticos geométricos apenas pelo desenvolvimento de sua sensibilidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia dessas mulheres artesãs representa uma porta aberta ao diálogo entre os saberes tradicionais e a matemática formal, no sentido destacado por (Sá, 2012, p. 81):

A etnografia é um processo de busca compreensiva que nos desafia e nos ensina a aprender ou mesmo a reaprender a nossa própria condição humana, a nos ver pelos olhos do outro e tentar compreender o outro compartilhando também do seu olhar.

Neste sentido a nossa pesquisa registrando o cotidiano da confecção da cerâmica de barro branco por estas duas senhoras artesãs busca a compreensão de suas atividades artesanais como construção do saber, um saber que se mistura de forma intrínseca a suas histórias de vida e permeia as suas relações com o mundo. É possível que este saber tradicional não seja passível de transmissão justamente por representar o que Larossa citado por (Sá, 2012, p. 101) aponta:

O saber da experiência se dá na relação do conhecimento e a vida humana[...] se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou o sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um Ser individual ou coletivo [...]

Em suas recordações Dona Pretinha e Dona Dona contam que foram convidadas a ministrar cursos nas escolas de Educação Básica do município por várias vezes, mas afirmam que os cursistas nunca aprendem as técnicas que elas ensinam, talvez por falta de interesse ou então por considerarem o método de trabalhar com o barro muito difícil, mas principalmente porque para se criar as louças deve-se observar o processo de criação, foi dessa maneira que elas aprenderam com suas mães. Nesse contexto a cerâmica de barro branco encontra-se ameaçada de extinção, pois mesmo em suas famílias numerosas nenhum filho ou neto interessou-se em cultivar este saber tradicional, apesar de alguns deles dominarem alguma etapa da metodologia da cerâmica, como a pintura ou a modelagem das peças, isso não é suficiente para garantir a sobrevivência dessa arte na comunidade.

O diálogo com a universidade estabelecido a partir dessa pesquisa etnográfica e etnomatemática representa a possibilidade de que estes saberes possam ser resgatados, registrados e que não fiquem silenciados nas vozes dessas duas mulheres artesãs, como registrado por (Almeida, 2010, p. 71):

Conhecimento é manipulação cognitiva, trabalho artesanal do pensamento, como se o pensamento tivesse mãos para dar forma ao que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, apreciamos. Essa manipulação das informações para construir conhecimento se assemelha ao trabalho do oleiro que, com suas mãos, dá forma ao barro que se torna pote, panela, vasos, telha.

Este conhecimento construído ao longo dos anos pela sistematização do trabalho artesanal dessas duas senhoras ainda não adentrou a universidade, encontra-se em processo de estabelecimento de diálogo. Um diálogo a ser construído nas bases do que Morin (2009) argumenta como fundamental: a aprendizagem da religação. “Acrescento que a religação constitui de agora em diante uma tarefa vital, porque se funda na possibilidade de regenerar a cultura pela religação de duas culturas separadas, a da ciência e a das humanidades” (Morin, 2009, p. 70).

Marques Fernandes, A., & Chalub Mertins, L. (2015). AS MULHERES DO BARRO: Um registro etnomatemático das mulheres artesãs de Arraias (Tocantins). *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 9(2), 168-179.

Nesse sentido a Etnomatemática representa esta possibilidade de religação, pois de acordo com (Vergani, 2007, p. 14): “A primeira característica híbrida da etnomatemática a levar em conta é o seu empenho no diálogo entre identidade (mundial) e alteridade (local), terreno onde a matemática e a antropologia se intersectam”, assim sendo a matemática desenvolvida pelas artesãs de Arraias pode encontrar no espaço da universidade uma chance de registro e posterior preservação de seu conhecimento tradicional, a pesquisa em curso aponta nesta direção.

5. REFERÊNCIAS

- Almeida, M. (2010). *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Livraria da Física.
- Gerdes, P. (2010). *Da etnomatemática a arte-design e matrizes cíclicas*. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: Autêntica.
- Gerdes, P. (2012). *Etnogeometria: cultura e o despertar do pensamento geométrico* (2ª ed.). Belo Horizonte/Maputo, Brasil/ Moçambique: Instituto Superior de Tecnologias e Gestão. Acesso em 09 de Dezembro de 2015, disponível em <http://www.lulu.com/spotlight/pgerdes>
- Lévi-Strauss, C. (1976). *O Pensamento Selvagem* (2ª ed.). (M. C. da Costa e Souza, & A. de Oliveira Aguiar, Trans.) São Paulo, São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional.
- Macedo, R. S. (2012). *A Etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação*. Brasília: Liber Livro.
- Martins, L. C. (2002). *Memória e Meio Ambiente: a experiência das mulheres das Águas*. Fonte: I Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Ambiente e Sociedade- ANPPAS: https://odonto.ufg.br/up/133/0/Leila_Chalub_Martins.pdf
- Morin, E. (2009). *Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios* (5 ed.). (E. d. Carvalho, Trad.) São Paulo: Cortez.
- Oliveira, R. C. (2000). *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp/ Paralelo 15.
- Ostrower, F. (1988). A construção do olhar. Em A. Novaes, A. Bosi, F. Aguiar, M. Chauí, O. Arantes, F. Ostrower, . . . M. Kell, *O Olhar* (pp. 167 - 182). São Paulo, São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Sá, S. M. (2012). Povos indígenas em afirmação, caminhos etnográficos aprendentes e a compreensão cultural do fenômeno aprender. Em R. S. Macedo, *A Etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação* (pp. 75 - 86). Brasília: Liber Livro.

Vergani, T. (1995). *Excrementos do sol: a propósito de diversidades culturais*. Lisboa: Pandora.

Vergani, T. (2007). *Educação Etnomatemática: o que é?* Natal : Flecha do Tempo.